

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: A LIBERDADE PARA APRENDER E PARA SER

Clayton Geórgio Araújo do Valle (*)

Resumo

Este artigo demonstra que a educação de Jovens e Adultos é destinada àqueles que não tiveram acesso à escola e nem oportunidade de estudar na idade própria no ensino fundamental e/ou no ensino médio, sendo a maior parte a cargo da rede estadual, hoje garantido por Lei. Apesar da concentração de escolas de Jovens e Adultos se dar na região sudeste, são nas regiões do nordeste e norte que existem maiores concentrações por essa modalidade de ensino, por ser mais carente. Este artigo nos mostra a necessidade da alfabetização nessa modalidade para acabar com a massificação de muitos que ainda não tiveram oportunidade de frequentar uma escola, devido às condições que a própria vida lhes impõe. Massificação esta que, cada vez mais exclui os analfabetos e eleva àqueles que se dizem donos da verdade. Todos têm o direito de ler, escrever e participar dentro da sociedade.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos, Organização, Cultura, Oportunidade.

EDUCATION OF YOUNG PEOPLE AND ADULTS: THE FREEDOM TO LEARN AND TO BE

Clayton Geórgio Araújo do Valle (*)

Abstract

This article demonstrates that the education of Youths and Adults are destined to those that didn't have access to the school and nor opportunity to study in the own age in the fundamental teaching and/or in the medium teaching, being most under the responsibility of the state net, today guaranteed for Law. Despite the concentration of schools for young people and adults to give in the southeastern region, are in the regions of north and northeast that there is a higher concentrations by this modality of teaching, being more lacking. This article shows the need of literacy this modality to stop the massification of many that have not yet had the opportunity to haunt a school, due to the conditions that life itself imposes on them. Massification this that, more and more it excludes the illiterates and it elevates those that owners of the truth are said. All are entitled of reading, to write and to participate inside of the society.

WORDS - KEY: Young education of e Adult, Organization, Chance.

(*) Acadêmico do curso de Artes das FIO - SP

INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos, historicamente, durante muitos anos, a EJA não se chamava assim. Ela já se chamou: madureza, suplência, supletivo, alfabetização entre outros nomes.

Por não representar um direito, este ensino nem sempre foi assumido por profissionais do ensino. Era muitas vezes atendido por pessoas de boa vontade, voluntários, ou mesmo por docentes que aplicavam sobre adultos os mesmos métodos que trabalhavam com outras séries de adolescentes.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional não deixou esse campo em aberto. O artigo 37 da LDB nº9394/96 de 23 de dezembro de 1996, assegura aos Jovens e Adultos o direito ao Ensino Básico Público e Gratuito e o parágrafo 1º garante a Organização necessária para atender suas necessidades educativas e condições de estudo àqueles que não puderam ter acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na própria idade, visto que nas Constituições anteriores essa lei era assegurada à Criança de 07 aos 14 anos.

Essa lei exige que seus professores além de competentes como outros quaisquer do ensino, saibam que estão aprendendo com o aluno que em muitos casos já tem idade maior que o próprio professor e que às vezes têm bastantes experiências em determinadas áreas.

Os cursos devem ser apropriados e baseados nas necessidades baseadas e realidade de cada um, além de cumprir as diretrizes curriculares do ensino fundamental e médio.

O que é ser Analfabeto?

Só poderá responder esta pergunta aquele que realmente o é.

Nós não conseguimos imaginar o que é olhar para uma parede, ver letras e não entender o que está escrito. Parece haver uma falha do direito, uma dívida muito grande pelo fato de todos os cidadãos não poderem se apropriar do mundo escrito. Ser analfabeto, hoje significa ter uma lacuna muito grande em relação à possibilidade da sua cidadania plena. Porque grande parte da nossa história, dos valores, do conhecimento construído pela humanidade, da própria possibilidade da fantasia (poder ler romances, biografias) estão registrados no símbolo escrito. Então, se usurpa uma parte significativa da potencialidade da cidadania de uma pessoa, por não estar alfabetizada. Alfabetização no sentido de

realmente poder expressar e conhecer o mundo, também através da língua escrita, não alfabetização no sentido de simplesmente decodificar uma letra que junta com a outra, o que ela significa, mas poder compreender o que está escrito, conseguir se expressar.

Ao mobilizar o aluno a voltar a estudar nós temos que levar em conta que o adulto está num outro patamar da vida, está tratando da sobrevivência, está diretamente no mundo do trabalho. Já construiu valores, saberes muito significativos, que até então eram suficientes para sobreviver. Dessa forma, que considerar esses conhecimentos e colocar a escrita a serviço deles, a serviço desta vida que em parte já foi construída, e mostrar como a escrita pode ajudar a entender melhor o mundo, a se comunicar e a se expressar melhor.

É mais difícil para a pessoa adulta porque os nossos analfabetos são, em sua maioria, oriundos da escola que fracassou, que inclusive colocou um rótulo neles, os convencendo de que não eram capazes de aprender. Quantos destes adultos, quando crianças, foram convencidos, e também suas famílias, de que não davam para o estudo, que eram burros?

Depois, num determinado momento o adulto analfabeto percebe a relevância do assunto, o quanto é importante que ele se mobilize para aprender a ler e a escrever. É exatamente como a criança pequena de classe popular, que não tem nada escrito em casa, o pai não lê, a mãe é analfabeta, e esta criança também tem dificuldade, não tem estímulo, porque aquilo não tem nenhum sentido prático na vida dela. E com o adulto é a mesma coisa. Por isso, ao propor a alfabetização, temos que falar sobre a vida deles, o que eles querem fazer, dizer, contar do que eles gostariam de ler e conhecer na vida. Tem que ser uma educação voltada para a realidade, baseada no cotidiano de cada um. Paulo Freire, em seu livro “Educação como prática da liberdade” nos traz relato de uma experiência realizada no norte do Brasil, especificamente no Nordeste, onde pesquisas demonstram que cerca de 3.000 pessoas foram alfabetizadas em 45 dias num projeto denominado “Círculo de Cultura” chamado “TIJOLO”, onde começaram a alfabetizar a partir do conhecido, a partir da palavra “TIJOLO” por se tratar de uma palavra conhecida por todos, visto que a maioria dos estudantes trabalhava com construção e tanto conheciam o objeto quanto sabiam o que fazer com “ele”.

É possível erradicar o analfabetismo no Brasil? Para isso, as terão que se sentir estimuladas a aprender algo, provocadas a descobrir, a questionar.

Trata – se de um processo, de uma possibilidade de cidadania, uma instrumentalização, em que todos deveriam ter oportunidade. Um direito que afinal, é um patrimônio da humanidade, construído por milhares e milhares de anos.

Chegar a zerar o número de analfabetos achamos que é impossível, pois alguns vão dizer que para eles não têm sentido ou não querem saber, outros, que já tiveram problemas na escola quando crianças e não vão querer lidar novamente com letras e números. O que temos que fazer é um grande movimento de acesso a esse patrimônio a todos que se interessarem, através de grupos, em horário alternativo, de acordo com a origem e linguagem deles.

Já existiram outros programas de alfabetização como o MOBRAL. Um dos problemas dessas políticas de alfabetização de adultos é a falta de continuidade. O governo começa e não dá continuidade. Outro problema é a falta de metodologia. O MOBRAL, além de outros programas trabalhava com a lógica da cartilha. Paulo Freire iluminou a educação de adultos. Dá para colocar um divisor: o antes e o depois dos seus círculos de cultura. Ele disse que a educação não é neutra, que as pessoas precisam ver sentido para estudar, o que precede a leitura da palavra. Não adianta querer ensinar, introduzir palavras que não têm o menor sentido, pois as pessoas se mobilizam por questões que dizem algo para elas, para suas vidas.

Todos nós devemos nos engajar ou envolver nos programas, mas não como um estágio ou algo descompromissado. Devemos entender qual é o processo, qual a metodologia a se inserir, nos importar com essas vidas e com a comunidade. O Mova (Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos) tem oferecido espaço para educadores populares trabalharem com educação de adultos. A condição de serem educadores populares, de terem vínculos com a comunidade, tem se mostrado determinante. É recomendável que os Jovens se envolvam em campanhas de alfabetização, a partir do clube de futebol que freqüentam, da quadra da vila, da escola de samba em que estão envolvidos, etc. Ainda têm muitos jovens de 16, 17, 18 anos analfabetos. Nós com a linguagem do jovem, a partir de algum tipo de organização que interessa a eles, a partir do que gostam de fazer, a partir do que se envolvem, podemos organizar entidades e dialogar com a faixa etária ou com os interesses das pessoas daquele grupo. Não dá mais para esperar que esses jovens sejam convocados por grupos, como fazia antigamente o MOBRAL, quando esse grupo ia para o meio da Amazônia alfabetizar. Se não sabemos da cultura, da

vida deles fica muito difícil dar certo. Temos que fazer da nossa cidade, uma “cidade Educadora”, como a que nasceu na Europa.

Uma cidade educadora ensina cidadania, um novo tipo de contato social, de compreensão do Estado público, estar organizado na cidade é estar aprendendo e crescendo com a cidade.

Este é o conceito de cidade educadora. É uma cidade que educa, que se modifica para ser melhor e que a sua população vem crescendo por estar mais perto das possibilidades culturais, perto do emprego e porque tem que encontrar soluções para viver melhor. Ao diminuir a poluição dos rios, canalizar esgoto, separar o lixo, organizar o trânsito, podemos estar alfabetizando. É bem mais fácil do que procurar as pessoas pura e simplesmente só para aprender a ler e a escrever. Através de uma ou outra ação da cidade elas têm a oportunidade de acessar a alfabetização.

A educação é capaz de transformar idéias de um povo, de uma sociedade, e de fazer com que o homem comum possa exigir os seus direitos como cidadão. Não podemos perder a batalha do desenvolvimento. A grande preocupação de Paulo Freire é a mesma de toda pedagogia moderna: “uma educação para a decisão, para a responsabilidade social e política”.

“A separação entre elite e o povo, entre os que sabem e os que não sabem é fruto do passado que podem e devem ser transformadas”.

Em Bandeirantes, a Secretaria da Educação está envolvida com essa modalidade de educação. O funcionamento se dá em quatro Escolas Municipais sendo, Escola Maria de Lourdes Guedes Mendes - Educação Infantil e Ensino Fundamental, Escola Diógenes E.P. de Vasconcelos, Escola Prefeito Moacyr Castanho e Escola Lêda de Lima Canário, no período noturno, contendo 4 turmas (2 de 1ª e 2ª séries, 2 de 3ª e 4ª séries) e 2 turmas de 1ª e 4ª séries. O aluno poderá fazer sua matrícula a qualquer momento e somente irá para a Fase II (5ª a 8ª séries), quando se sentir apto e conseguir a média no Exame de Equivalência, provas feitas pela Secretaria da Educação duas vezes por ano. O objetivo da Secretaria Municipal de Bandeirantes é estar alfabetizando os alunos acima de 15 anos e prepará-los para a vida, resgatando a cidadania e o direito a ser útil. Ele será estimulado a superar as dificuldades que encontra em todos os setores, restaurando sua auto-imagem e auto-estima.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 24 Ed., 2000.

FURTER, Pierre. **Educação e Vida**. Rio de Janeiro: Vozes, 1983, 213 p.

REVISTA UNICSUL – UNIVERSIDADE CRUZEIRO DO SUL. A Modernização das Profissões – desafios e novos mercados. In: **Por uma política de formação do educador de Jovens e Adultos**. São Paulo: Unicsul, ano 6, número 8, Dez/2001, p.122-130.